



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
MESTRADO EM PATRIMÔNIO CULTURAL, PAISAGENS E CIDADANIA**

SÍNTESE DE PROJETO DE PESQUISA

Polifonias Urbanas: Espaços, Territórios e Cultura

Patrícia Vargas Lopes de Araujo – Coordenadora (DHI)

VIÇOSA, SETEMBRO 2018

1. Objetivos

Vinculado ao Grupo de Estudos "História, Cidade e Cultura" e ao Laboratório de História das Ideias e Contextos Culturais (LEHICON), esse Projeto de Pesquisa tem por proposta debater questões acerca das contribuições da História para a compreensão da cidade e do urbano, partindo-se do entendimento da cidade como lugar de atuação, de produção e apropriação dos sujeitos. Dessa forma, as reflexões voltam-se para a compreensão das formas de interação entre sujeito e cidade e de como estas geram modos de apropriação do espaço, de desenvolvimento de percepções e de elaboração de representações e identidades, de produção de experiências e de modos de se viver em cidade. Busca-se discutir temas relacionados a história das cidades e do urbanismo, a formação e a ocupação de territórios, a percepção sobre a construção de espaços, os conceitos de natureza e paisagem, a construção das paisagens urbanas, a questão urbana, o imaginário urbano, idealizações sobre a cidade, os aspectos contraditórios da modernidade citadina, literatura e cidade a constituição do patrimônio e da memória, as relações estabelecidas entre o poder público e a cidade, a produção e as práticas culturais que tomam a cidade como seu espaço privilegiado de ação, tais como as festas e as manifestações populares. Procura-se ainda as reflexões com as fontes documentais e o exercício da prática de pesquisa em História

2. Justificativa

*As cidades são antes de tudo uma experiência visual. Traçado de ruas, essas vias de circulação ladeadas de construções, os vazios das praças cercadas por igrejas, edifícios públicos, o movimento de pessoas e a agitação das atividades concentradas num mesmo espaço. E mais, um lugar saturado de significações acumuladas através do tempo, uma produção social sempre referida a alguma de suas formas de inserção topográfica ou particularmente arquitetônicas. (...).*¹

Nas últimas décadas houve uma considerável expansão nos campos de investigação historiográfica, ampliou-se a concepção de documento, o que permitiu aumentar o leque de fontes documentais sob análise do historiador, que atingindo indelevelmente as linhas de pesquisa e sua produção, promoveu também uma renovação temática. A investigação proposta nesse projeto de pesquisa se insere nesse contexto de ampliação, pois os estudos que tomam a cidade e o urbano por objeto, considerando seus diversos aspectos e possibilidades, constituem-se como importante campo temático da pesquisa histórica, sendo atualmente um campo consolidado e em expansão no conjunto dos estudos historiográficos.

Sem dúvida, o aspecto mais marcante dos estudos sobre a cidade e o urbano diz respeito à importância da interdisciplinaridade, pois trata-se de objeto polissêmico por excelência, fato que não impede, por outro lado, a singularidade de cada campo de saber. Lugar de encontro de várias disciplinas, a cidade revela-se uma realidade multifacetada. Abordar a cidade e o universo urbano implica trabalhar com um horizonte amplo e diverso de estudos que envolvem, além do historiador, muitos profissionais e diferentes olhares: arquitetos, sociólogos, antropólogos, engenheiros, urbanistas, sanitaristas, filósofos, geógrafos, cientistas políticos². A cidade constitui-se “ponto de convergência de enfoques

¹ BRESCIANI, Maria Stella Martins. História e Historiografia das Cidades, um percurso. In: FREITAS, Marcos Cezar. **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 1998, p. 237.

² Dentre outros estudos, Cf: COULANGES, Fustel. **A cidade antiga**. São Paulo: Editora Edimeris, 1961; MUMFORD, Lewis. **A cidade na história**. São Paulo: Martins Fontes, 1998; ENGEL, F. **A situação da classe operária inglesa**. São Paulo: Editora Boitempo, 2008; BENJAMIN, Walter. Sobre alguns temas em Baudelaire. In: **Obras Escolhidas**. Vol 3: Sobre alguns temas em Baudelaire. São Paulo: Brasiliense, 1989; WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade na história e na literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. LE GOFF, Jacques. **O apogeu da cidade medieval**. São Paulo: Martins Fontes, 1992 e **Por amor as cidades**. São Paulo: Editora da Unesp, 1998.

pluridisciplinares” diversos³. Mas afirmar isto não significa apagar ou desrespeitar as identidades e as singularidades de cada disciplina.

Mas o que é, pois, a cidade? Frente a realidades tão diferentes, como antigas cidades muradas e gigantescas metrópoles contemporâneas, será possível definir cidade? Quando falamos da cidade grega, da cidade romana, da cidade medieval ou da cidade moderna; ou ainda da cidade oriental ou ocidental, da cidade industrial ou pós-industrial, falamos da mesma coisa? O simples uso de uma palavra garante unidade de sentido? Acreditamos que não. Dessa maneira, outros caminhos devem ser percorridos para que algo a princípio tão fugidio se torne inteligível.

Começemos por uma constatação. A cidade é obra humana. A “cidade é produto da ‘arte humana’, simboliza o poder criador do homem”. Sob a batuta de milhares de homens e mulheres ocorrem modificações e transformações do meio ambiente, e como resultado tem-se a constituição de “algo artificial, de um artefato enfim”.⁴ O que chamamos então de cidade é assim uma construção, ou seja, uma realização humana. Uma “criação que vai se constituindo ao longo do processo histórico e que ganha materialização concreta, em função de determinações históricas específicas”.⁵

Surge de um movimento de sedentarização. O caçador transforma-se em pastor. O homem torna-se sedentário; constrói casas de barro, rochas e ramos, próximas a rios, onde não lhe faltará água, pesca e pasto. Pouco a pouco aprofunda sua relação com o meio ambiente circundante e define princípios de organização. Aqui uma outra questão: a constituição de cidades marca também uma nova relação homem/natureza.

A cidade se revela como limite entre natural e o artificial. “Separando e unindo, o homem determina a existência da forma: do lado de cá, o espaço finito (delimitado), construído; do lado de lá, o infinito (ilimitado), não-determinado, extensão do *continuum*”.⁶ O recorte de determinado espaço, transformando-o em uma segunda natureza, um artefato, somente é apreensível como se compreende que esta obra é resultado de uma ação social e historicamente produzida. Constituída por uma relação dialética entre homem/natureza. A cidade assim compreendida, descortina-se a nossos olhos como “obra coletiva que desafia a natureza”.

A cidade tem duplo caráter. É arte, isto é, diz respeito à capacidade e à habilidade humana. Mas é também resultado de uma técnica, e desta maneira se vincula à noção de progresso. Significa, como já se destacou, o “recorte” de um espaço, o domínio sobre um determinado território. Implica a implantação em um terreno, o traçado de ruas e praças, de formas arquitetônicas enfim. Neste movimento, amálgama de experiências, ganha-se “materialidade” então.

Mas como aponta Alain Corbin, a cidade não poderia reduzir-se a uma arquitetura de pedra, isto é, a uma natureza morta. Ultrapassa em muito essa materialidade. Os ruídos, os seus odores e o seu movimento constituem a identidade da cidade, tanto quanto o seu desenho e as suas perspectivas. A espacialidade urbana não existe em si mesma. Cria-se na interação daqueles que a habitam, a percorrem ou visitam e lhe conferem uma multiplicidade de sentidos.⁷ Mais que pensar a cidade como um conjunto de limites definidos, com funções específicas, importa percebê-la como “um lugar de poder, da troca, de cultura, o lugar onde se exercem os confrontos, as tensões e os conflitos”.⁸

As diferentes formas do traçado urbano e das edificações, a permanência destes e mesmo sua transformação, “fazem da materialidade dos núcleos urbanos um suporte de memória, recorte preciso

³ Cf. LEPETIT, Bernard. **Por uma história urbana**. Seleção de textos, revisão crítica e apresentação Heliana Angotti Salgueiro. São Paulo: Editora da USP, 2001.

⁴ BRESCIANI, Maria Stella Martins. Cidade, cidadania e imaginário. In: SOUZA, Célia Ferraz de; PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Imagens Urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano**, 1997, p. 14.

⁵ CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade**. São Paulo: Contexto, 1992, p. 57.

⁶ ARGAN, Giulio Carlo. **A História da Arte como História da Cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2014, p. 3.

⁷ CORBIN, Alain. Do Limousin às culturas sensíveis. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. **Para uma história cultural**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 107.

⁸ GALINÉ, Henri; ROYO, Manuel. A arqueologia na conquista da cidade. In: BOUTIER, Jean; JULIA, Dominique. **Passados Recompuestos — campos e canteiros da história**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1998, p. 263-264.

com contornos apreensíveis, capaz de orientar o conhecimento ou o reconhecimento dos que por elas [as cidades] passam ou nelas moram”.⁹

Um grupo social ao tomar posse de um território, transforma-o à sua imagem. Por outro lado, ao mesmo tempo que o espaço ratifica relações sociais, os grupos sociais nele instalado são pressionados pela própria materialidade que criou e que acabam obedecendo. A memória da cidade se constituiria, desta maneira, de relações dialéticas complexas entre os grupos sociais e o espaço que ocupam. O espaço manteria dupla relação com a memória: a) a memória apoia-se em imagens espaciais e por meio da forma, os grupos sociais definem seu quadro espacial, preenchendo-o de lembranças; b) constitui-se também uma ilusão de reencontrar o passado no presente.¹⁰

Mas a cidade é algo dinâmico e complexo. Modos de viver, e de sentir. Produção de ideias, de comportamentos, de valores, de acontecimentos, formas de lazer e de cultura. Como aponta Bernard Lepetit é preciso não desconsiderar também a pluralidade das temporalidades que se inscrevem no espaço da cidade:

*as casas e os espaços de trabalho, os edifícios públicos e a rede viária, as maneiras de viver e de morar, a organização técnica da produção e da troca, as formas de divertimento e a geografia dos espaços de lazer sempre provêm, em sua maior parte, do passado e resultam, em sua evolução, de ritmos diferentes.*¹¹

Significa compreender que os elementos que constituem uma cidade têm em sua contemporaneidade, “idades diferentes”. A cidade faz convergir em um mesmo tempo, “os fragmentos de espaço e os hábitos vindos de diversos momentos do passado (...)”¹². A cidade, como a história, é sempre uma realidade complexa e dinâmica. Constituem-se de marchas e contramarchas, de convergências e rupturas.

3. Ações Previstas

A presente proposta de pesquisa, a partir dos objetivos e problemáticas definidos, tem como meta, ao refletir e problematizar a produção relativa à história da cidade e do urbano, ampliar os debates sobre esse campo de estudos, promovendo novas pesquisas que tematizam a cidade e o urbano de diferentes formas. Dessa maneira, contribui-se também para a produção do conhecimento histórico e para a renovação da historiografia sobre a cidade. O projeto visa ainda a realização de encontros do Grupo de Estudos, de jornadas de estudos, de pesquisas em diferentes acervos e a partir de diversos documentos históricos. Como resultados esperados há a perspectiva de publicização da pesquisa por meio da participação em atividades acadêmico-científicas, de publicação de artigos, de realização de pesquisas de iniciação científica, de elaboração de monografias de bacharelado e dissertações de mestrado.

4. Equipe e Laboratórios

4.1. Equipe:

Coordenadora do Projeto de Pesquisa:

Profa. Dra. Patrícia Vargas Lopes de Araujo (Departamento de História/UFV)

Membros Externos:

Prof. Dr. Luiz Henrique Assis Garcia (Departamento de Teoria e Gestão da Informação – Escola de Ciência da Informação/UFMG; Estopim – Núcleo de Estudos Interdisciplinares do Patrimônio Cultural)

⁹ BRESCIANI, Stella. História e Historiografia das cidades, um percurso. **Op. Cit.**, p. 238.

¹⁰ Cf. HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

¹¹ LEPETIT Bernard. **Op. Cit.**, p. 138.

¹² *Ibidem*, p. 141.

Prof. Jezulino Lúcio Mendes Braga (Departamento de Organização e Tratamento da Informação – Escola de Ciência da Informação/UFMG)

Membros:

Joel Pereira dos Santos (Mestre Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania/UFV)
 Aline Soares Martins (Mestranda em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania/UFV)
 Aline Campos (Mestrando do Mestrado em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania/UFV)
 Herbert Pardini (Mestrando em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania/UFV)
 Ronaldo Martins (Mestrando em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania/UFV)
 Augusto César Lorenzato (Mestrando em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania/UFV)
 Rubens Albano Verona (Estudante – Bacharelado em História/UFV)
 Rafael Oliveira Veiga Santos (Estudante – Bacharelado em História/UFV)
 Laryssa Ferreira (Estudante – Bacharelado em História /UFV)
 Robson Ferraz (Estudante – Bacharelado em História/UFV)
 Tatiane Lessa (Estudante – Bacharelado em História/UFV)
 Andrea Souza (Estudante – Licenciatura em História/UFV)
 Rodrigo Mattos (Estudante – Licenciatura em História/UFV)
 Pedro Beranger Alves (Estudante – Licenciatura em História/UFV)
 Rita de Cássia da Silva Gonçalves (Estudante- Licenciatura em História/UFV)
 Vinícius Zagoto (Estudante – Bacharelado em Comunicação Social/UFV)

4.2. Laboratório:

Laboratório de História das Ideias e dos Contextos Culturais (LEHICON)

5. Bibliografia Básica

- ARGAN, Giulio Carlo. **A História da Arte como História da Cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas**. Vol 3: Sobre alguns temas em Baudelaire. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- BRESCIANI, Maria Stella Martins. Cidade, cidadania e imaginário. In: SOUZA, Célia Ferraz de; PESAVENTO, Sandra Jatthy. **Imagens Urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano**, 1997.
- BRESCIANI, Maria Stella. Permanência e ruptura no estudo da cidade. In: LEME, Maria Cristina da Silva; CYMBALISTA, Renato (org.). **Anais do Seminário de História do Urbanismo e da Cidade**, v. 2, n. 1 1993.
- BRESCIANI, Stella. História e Historiografia das cidades, um percurso. In: FREITAS, Marcos Cezar. **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 1998.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade**. São Paulo: Contexto, 1992, p. 57.
- CORBIN, Alain. Do Limousin às culturas sensíveis. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. **Para uma história cultural**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- CORBIN, Alain. **Saberes e Odores — O olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- COULANGES, Fustel. **A cidade antiga**. São Paulo: Editora Edimeris, 1961.
- ENGEL, F. **A situação da classe operária inglesa**. São Paulo: Editora Boitempo, 2008.
- GALINÉ, Henri; ROYO, Manuel. A arqueologia na conquista da cidade. In: BOUTIER, Jean; JULIA, Dominique. **Passados Recompuestos — campos e canteiros da história**, 1998, p. 263-264.
- LE GOFF, Jacques. **O apogeu da cidade medieval**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- LE GOFF, Jacques. **Por amor as cidades**. São Paulo: Editora da Unesp, 1998.

LEPETIT, Bernard. **Por uma história urbana**. Seleção de textos, revisão crítica e apresentação Heliana Angotti Salgueiro. São Paulo: Editora da USP, 2001.

MUMFORD, Lewis. **A cidade na história**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WILIAMS, Raymond. **O campo e a cidade na história e na literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.